

Foto-design da paisagem do rio de janeiro

Bárbara Peccei Szaniecki¹

Resumo

O artigo aborda as relações entre a paisagem carioca e a sua iconografia na era da fotografia digital. Pesquisamos imagens publicadas no jornal O Globo que apresentam, com base em novas tecnologias digitais, simulações de futuros possíveis da paisagem carioca. Analisamos num primeiro momento os discursos jornalísticos, ora de remoção ora de re-urbanização de favelas enquanto agenciamento singular de cultura e natureza no Rio de Janeiro, e a respectiva produção de imagens. E aprofundamos, num segundo momento as interações entre a mídia contemporânea a fotografia digital: por um lado novas articulações sociais (desenvolvimento de blogs e concursos) e, por outro, novas possibilidades tecnológicas (das manipulações às simulações). E enfim estabelecemos uma relação entre um DNA da paisagem e os BITS da fotografia digital que seria propulsora de uma foto-design da paisagem carioca deslocando a noção de autenticidade e promovendo uma nova cultura fotográfica.

Palavras-Chave: Fotografia digital; mídia; simulação; autenticidade; foto-design.

¹ Pesquisadora de pós-doutorado da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UFRJ. dolar.rj@terra.com.br.

Introdução

A paisagem carioca – agenciamento entre natureza e cultura, em particular tectônica – parece possuir uma potência singular. Ao longo da história, ele foi pintado nos mais diversos gêneros, fotografado nos mais diversos ângulos e reproduzido nos mais diversos suportes, sempre na busca com ou sem sucesso de uma harmonia na relação entre natureza e cultura. Por sua vez, a relação entre a paisagem (natureza e cultura) e a sua iconografia (pintura e fotografia) é intensa e ganha maior intensidade nesse momento de aceleração econômica acompanhada da visibilidade espetacular resultante dos megaeventos que a cidade vai abrigar.

Hoje, não somente os movimentos artísticos como sobretudo os fluxos midiáticos parecem questionar, distorcer e expandir essa configuração natural e naturalizada do Rio de Janeiro além de promover outras “configurações”. E esses fluxos midiáticos, do qual a fotografia analógica participou mas do qual a fotografia digital participa sempre mais, se beneficiam das novas tecnologias digitais. Para muitos autores, por conta de suas possibilidades de manipulação, as novas tecnologias são responsáveis pela perda de valor documental da fotografia. Para além das tradicionais manipulações de ângulo, de encenação e de laboratório, surgem as manipulações digitais. Antes, durante e depois do ato fotográfico. Se por um lado é verdade que manipulações trazem problema para a fotografia cujo valor está atrelado à credibilidade, por outro ela abre caminhos para a fotografia artística.

Se a fotografia analógica nos permitiu guardar registros do passado, a fotografia digital parece mais propensa em promover simulações do futuro. Ou, se preferirmos tensionar a concepção linear da história, podemos afirmar que a primeira desenvolveu preferencialmente uma relação com o registro, com a memória, e com fatos e fotos consolidados na história enquanto a segunda tendencialmente se articula com processos e projetos de um porvir.

Com efeito, o agenciamento singular de natureza e cultura que compõe a paisagem carioca sempre teve lugar cativo no jornal impresso por meio da fotografia analógica e continua a ter espaço privilegiado na mídia contemporânea, ou seja, no conjunto de ações de comunicação que é continuamente intensificado e ampliado pelas tecnologias digitais em redes virtuais.

Dentro desse contexto de novas articulações entre fotografia e mídia na passagem do analógico ao digital, nosso artigo pretende indagar sobre a emergência de uma prática fotográfica que, em um momento que a paisagem carioca é motivo de disputa, se afasta da representação ou registro e se aproxima da intervenção e do projeto sugerindo a emergência de uma foto-design deslocando, nesse trajeto, questões históricas como a da autenticidade.

A paisagem do Rio de Janeiro e a iconografia suscitada pelos discursos midiáticos para o caso das favelas.

Existe uma forte relação histórica entre pintura, fotografia analógica e jornal impresso. E não é difícil compreender sua razão de ser. Entre muitas outras obras dedicadas a essa questão, podemos encontrar em *"Inteligência Brasileira"* de Max Bense alguns elementos teóricos para entender o encantamento suscitado pela paisagem carioca em viajantes e habitantes, em homens de letras e de artes ao longos dos séculos. Max Bense não aborda a paisagem carioca diretamente, mas dela revela aspectos importantes ao comparar Rio de Janeiro e Brasília:

"O Rio é uma cidade vegetativa, Brasília, estrutural. Cidade pictórica, cidade linear. Informal e formativa. Cantos e quadras. O espaço reconstruído e o espaço construído. O ser que caminha e o ser que roda. O estímulo que, originando-se do caos, leva ao desenvolvimento humano, e a vontade que prefere o planejamento, ou seja, elementos 'caoticogênicos' e 'henogênicos'" (BENSE, 2009, p.29).

O Rio de Janeiro vegetativo, pictórico, informal e de cantos encantou poetas e prosadores, pintores e fotógrafos. A cidade em seus aspectos "vegetativos" combina perfeitamente com a fotografia de tradição pictórica, ou seja, uma certa maneira de representar a paisagem no século XIX que perdurou ao longo do século XX através de fotógrafos como Marc Ferrez e Augusto Malta. Muitos fotojornalistas contemporâneos ainda registram a paisagem carioca de acordo com essa "escola" pictórica, qual seja, a que exalta a singular harmonia singular paisagística da cidade. A mídia se deleita com esse modo idílico de retratar a paisagem carioca de ontem e de hoje.

Mas eis que a favela interrompe na paisagem rompendo a suposta harmonia entre natureza e cultura e suscitando outros discursos. De modo esquemático podemos afirmar que eles oscilam entre "remoção" e "reurbanização", geram e são gerados por interesses econômicos e políticos e, ao mesmo tempo, alimentam e são alimentados pela mídia gerando, por sua vez, diferentes imagens. Na busca de recompor – no passado ou no futuro – a harmonia perdida, o recurso à manipulações de vários tipos se faz presente. Ao mesmo tempo, ao abrir outras possíveis configurações da cidade, ele desloca para outras direções a questão da manipulação e, por conseguinte, a própria questão da autenticidade.

O discurso de remoção e um caso paradigmático de manipulação da paisagem carioca

Temos uma crença com tradição histórica e portanto muito bem enraizada na cultura e muitas vezes legitimada pela academia que, no Rio de Janeiro, natureza e cultura (construção arquitetônica e o planejamento urbano) conviveram numa harmonia que a formação de favelas veio romper. Esse discurso existe pelo menos desde o tempo das primeiras reformas urbanas de Pereira Passos e retoma fôlego hoje com os preparos da cidade para acolher uma série de megaeventos. E esse discurso se exacerba visivelmente a cada evento dramático vivido pela cidade por falta de contenção e manutenção de suas encostas. O mês de abril de 2009, por exemplo, inicia com fortes chuvas. No dia 12, na manchete da primeira página lê-se: *"Paes diz que remoção de favelas não pode ser tabu"* e, na página 12, sob o título *"Remoções salvaram a paisagem da Lagoa"*, encontra-se uma dupla imagem fotográfica da paisagem da Lagoa.



Figura 1

A justaposição de imagens é um exercício didático. A imagem de baixo mostra a paisagem da lagoa hoje, sem favela à vista. A imagem de cima mostra, por meio de uma fotografia de 1965, mostra como seria hoje a mesma paisagem caso a favela da catacumba não tivesse sido removida naquela época: às casas da fotografia original foram acrescentadas digitalmente muitas outras de modo a sugerir que o Morro dos Cabritos seria *"tomado por um mar de barracos"*.

Não se trata pois de uma manipulação de um fato que aconteceu (uma representação pictórica ou registro fotográfico do passado) e sim de uma simulação do que poderia ter acontecido (uma projeção no futuro ou intervenção nele). Trata-se de uma construção conceitual com forte apelo iconográfico de que “favela” e “bairro” são incompatíveis numa mesma paisagem. A favela seria uma configuração monstruosa, algo que já não seria mais natureza mas ainda não alcançou o status de constructo. Max Bense apontara que o Rio é uma cidade vegetativa caracterizada por cantos, é de tipo informal e de qualidade pictórica, mas esses elementos “caoticogênicos” não parecem levar, segundo o discurso jornalístico analisado, a qualquer desenvolvimento humano que só viria às custas da remoção da favela.

Mais recentemente, no caderno Prosa e Verso do mesmo jornal, Sérgio Bruno Martins comenta a série de matérias que colocou em pauta o tabu da remoção de favelas assim como a fotomontagem que mencionamos anteriormente. Apresenta com ironia o pesadelo do qual teríamos escapado, qual seja, o do *“nosso tão cantado encontro entre mar e montanha resultar ali em sobressalto.”*

Martins critica o exercício de futurologia baseado na redução da favela a uma questão meramente paisagística que:

“exclui a dimensão de suas relações sociais e, o que é mais importante, o pertencimento destas à geografia social do Rio de Janeiro. É o ethos da cidade como paisagem em sua face mais perversa: a favela é trazida à vista justamente para que não a enxerguemos” (MARTINS, 2011, p. 5).

A redução da geografia à paisagem e a redução da história à nostalgia equivalem a um ordenamento da experiência urbana segundo um regime de “visualidade dócil” dominado por um *“ideal segundo o qual o sujeito se relaciona com a cidade enquanto paisagem, e não uma qualidade de situações visuais específicas.”* No mesmo caderno, Carlos Vainer aborda a paisagem carioca submetida à lógica da cidade-empresa explicitando a relação entre marketing urbano e (in)visibilidade desenvolvida por cidades que acolheram (como Barcelona) ou estão prestes para acolher (como Rio de Janeiro) megaeventos.

O marketing torna invisível tudo o que não pode transformar em mercadoria como favelas, pobreza e desigualdade. O megaevento funciona como um catalisador desse modelo na medida em que promove a concentração dos muitos aspectos da cidade – segundo a sociologia urbana, a cidade se define por aspectos como tamanho, densidade e diversidade – num único símbolo. Numa logomarca, por exemplo. Ora, uma cidade é *“um lugar onde há muita gente, junta e diversa. [...] A cidade-empresa torna invisíveis as diferenças porque ela vende não o que ela é, e sim o que ela quer parecer”* (VAINER, 2011, p. 4).

Junto com a cidade-empresa vem a cidade-espetáculo: ambas tendem a aniquilar socialmente e a maquiar visualmente qualquer experiência “outra” da cidade. Vemos ordenamento urbano e docilidade visual caminharem juntos. As novas tecnologias da era digital podem participar ou não desse regime de controle social e visual. Não se trata de manipulação no sentido mais tradicional e sim do uso das novas tecnologias como o software photoshop para criar outras realidades paisagísticas. Essas simulações ora vêm acompanhadas do discurso da remoção da favela e, na mesma lógica, o de incentivo aos conjuntos habitacionais, ora vêm acompanhadas do discurso da urbanização da favela que permitirá expansão das fronteiras e renovação das paisagens cariocas.



Figura 2: logomarca dos Jogos Olímpicos do Rio - Fred Gelli / Agência Tátil.

O discurso de re-urbanização e uma expansão ilimitada das fronteiras geográficas e fotográficas da paisagem carioca

Com efeito, se o discurso das remoções ressurgiu a cada situação dramática enfrentada pela cidade ou a cada período eleitoral, os governos não deixam de promover e a grande mídia não deixa de divulgar a re-urbanização de algumas favelas. Essa promoção e divulgação conta com o apoio de Sérgio Magalhães, ex-secretário de Urbanismo e um dos idealizadores do Favela-Bairro. Atualmente presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, lançou o concurso público para a urbanização de 635 favelas numa iniciativa que faz parte do programa Morar Carioca da Prefeitura do Rio de Janeiro. O Morar Carioca é, de certo modo, uma continuação do Favela-Bairro, sendo que à realização da obra urbanística acrescenta-se a preocupação com a integração da favela à cidade dita formal através dos *metrocabes*.

Além dos projetos urbanísticos promovidos pelo Morar Carioca, também ganharam destaque aqueles promovidos pelo PAC sendo a construção do Teleférico do Alemão o de maior potência simbólica por se tratar de uma obra num território considerado até então ingovernável. O jornalista, o arquiteto afirma que, desde sua participação no Favela-Bairro, descobriu que “a favela era um campo de pensamento” (Jáuregui, 2011, p.21). Estaria ele se referindo à “inteligência brasileira” de que falava Max Bense e que, com seus dois pólos, Rio de Janeiro

versus Brasília, inquietava sua reflexão cartesiana? Jáuregui afirma que é por meio do pensamento descoberto anos atrás no Favela-Bairro que ele atua no Complexo de Mangueiras e talvez atuará na Rocinha.

Enquanto isso, o Complexo do Alemão, entre outros territórios complexos do Rio de Janeiro, tem sido revelado por meio da multiplicação de iniciativas socioculturais tais como o Foto Clube Alemão² e através da democratização das tecnologias digitais tais como a máquina fotográfica de celular. Através dessas dentre outras aventuras sociais e tecnológicas, outras experiências e visões da favela e da cidade em geral tornam-se possíveis. Existe potencialmente uma quebra de preconceito com relação à vida em complexos de favelas como o do Alemão e uma quebra de paradigma no que diz respeito ao uso das máquinas fotográficas de celular e outras formas rudimentares como o *pinhole*. Estamos diante de um novo faroeste: as fronteiras sociogeográficas se expandem ao mesmo passo que as fronteiras fotográficas e, nessa abertura, surgem novas paisagens cariocas.

Fotografia digital e mídia contemporânea: novas articulações sociais e tecnológicas

Como vimos, no que diz respeito à favela em particular e à paisagem carioca em geral, a grande mídia carioca tem um comportamento ambivalente. A produção de imagens fotográficas acompanha os discursos e pode mudar quantitativa e qualitativamente em função do momento vivido pela cidade. Em ambos os casos, são extremamente variados os recursos iconográficos. Mas existe uma terceira tendência na articulação da mídia contemporânea com a fotografia digital (*da* e *na* favela) que é a de não se limitar à narração dos acontecimentos e à emissão de opinião sobre os mesmos e partir para a ação.

Com efeito, a mídia carioca tem desenvolvido blogs, promovido concursos e provocado discussões sobre a paisagem. Em todas essas ações é comum o uso das novas tecnologias e, em particular, o uso do *software* photoshop. Esse tipo de ação na metrópole, em seus aspectos materiais e simbólicos, é captura de uma produção que não se dá no espaço físico da empresa. Apresentaremos aqui tanto a captura operada pela imprensa nas ruas e redes metropolitanas quanto seu *modus operandi* via imagem, qual seja, mais do que manipulações do passado proliferam simulações do futuro da paisagem carioca: do anfiteatro de morros cobertos de favelas apresentado como monstruoso ao cenário do dito Porto Maravilha apresentado como majestoso. Nessas ações, a fotografia se afasta radicalmente da

² No Facebook: <http://www.facebook.com/profile.php?id=100002218489964>.

pintura de paisagem da tradição e, mais do que acompanhar os discursos ora no sentido da remoção ora no sentido da reurbanização, ela se aproxima de uma intervenção no território de tipo semelhante àquela operada pelo arquiteto ou pelo urbanista na metrópole.

Novas articulações sociais: blogs e concursos.

Sabemos que jornais impressos têm uma política de imagem forte e, no caso do Globo, essa política conta com um time de fotojornalistas de primeira grandeza. Além dessa produção interna, o jornal tem promovido de diferentes formas a prática fotográfica no Rio de Janeiro que se democratizou em parte devido à câmeras mais econômicas. Diante da realidade de uma profusão de blogs de fotografia – individuais ou coletivos – sendo particularmente impactante a quantidade e qualidade daqueles realizados por jovens sobre suas próprias comunidades³ como a do Complexo da Maré ou do Complexo do Alemão, o jornal procurou desenvolver seus próprios blogs. O FotoGlobo – Blog sobre fotografia do jornal O Globo⁴ se concentra na “fotografia e imagem na sociedade digital” e articula fotógrafos do Globo com fotógrafos leitores com muitas dicas – trocas entre profissionais e amadores, supostamente – e com destaque para as redes sociais de compartilhamento de fotografias como a Flickr.

Para além dos blogs, o jornal tem procurado promover concursos de fotografia. Aqui trataremos de apenas dois. Em fevereiro deste ano de 2011 o jornal noticiou o resultado do Concurso Novo Clique que incitou fotógrafos – divididos em duas categorias: moradores e não moradores de comunidades – a registrarem favelas do Rio em particular aquelas que estão sendo ocupadas por UPPs.⁵ A seleção de fotografias realizada pelo jornal praticamente igualou os pontos de vista do “morador” e do “não morador” de comunidade.

Nas fotografias, a favela – aquela que o briefing do concurso convidava a retratar sob a “nova realidade” das UPPs – sumiu pois metade das fotografias vencedoras privilegiaram a vista da cidade quando se está na favela. A idéia de uma pacificação social da favela veio acompanhada de uma tecnologia de apaziguamento visual do olhar. São tecnologias sociais, culturais e artísticas sutis que modulam a produção fotográfica no início, no meio e no fim do processo (neste caso, na curadoria que levou aos vencedores). Re-encontramos aqui uma forma da “visualidade dócil” apontada por Sérgio Bruno Martins.

³ <<http://www.ocotidiano.com.br/>> <<http://favelaemfoco.wordpress.com/>>

⁴ <http://oglobo.globo.com/blogs/fotoglobo/>



Figura 3

Já em junho de 2011, no interior de uma matéria jornalística intitulada “Paisagens cariocas agora sob novos ângulos” e dentro de um *box* com a chamada “Concurso de paisagens inéditas: mostre a sua”, o Globo convidou leitores e internautas a fotografar não apenas os já famosos “cartões postais” da Zona Sul como também a explorar a beleza das Zonas Oeste e Norte e, em seguida, a enviar seus registros para a sessão “Eu, repórter”. Após a convocação para o envio das fotos, foi realizado novo convite para que leitores e internautas escolhessem “os ângulos mais surpreendentes e bonitos do Rio”⁶. A iniciativa exaltou ângulos que se tornaram possíveis graças à especulação imobiliária – a instabilidade de gabarito e a falta de fiscalização do mesmo permitiram a construção de prédios com muitos pavimentos e, por conseguinte, vistas panorâmicas dessas áreas – em parte resultante da acolhida de megaeventos pelo Rio de Janeiro nos próximos anos.

Ora, este mesmo *fenômeno* de expansão vertical é tido em outras iniciativas e reportagens do jornal, sobretudo naquelas sobre as favelas, como responsável pela descaracterização da paisagem carioca. É preciso lembrar que as possibilidades panorâmicas têm sido consideravelmente ampliadas por meio de câmeras fotográficas sofisticadas assim como de aplicativos que permitem visualizar e compartilhar imagens em *gigapixels* por comunidades virtuais formadas por pessoas do mundo inteiro. É o caso de projetos como PhotoSynth⁷ e GigaPan⁸ que trazem contribuições de brasileiros com uma variedade de paisagens cariocas. Essa articulação entre as possibilidades tecnológicas abertas pela fotografia digital e a mídia contemporânea em suas capturas de externalidades positivas – ou seja, articulação entre “tecnologias” puramente técnicas e “tecnologias” sociais ligadas às novas formas de produção – trazem de volta as velhas questões da autoria e do condicionamento do imaginário, mas adquirem também novas extensões e intensidades.

5 <http://glo.bo/gSk5ND>.

6 <http://glo.bo/ri7mXL>

7 <http://photosynth.net/>

Os moradores não reivindicavam que a favela fosse apagada da imagem, muito pelo contrário, eles reclamavam que sob certo ângulo a favela não aparecia na imagem. Um deles lamentava a *“falsa ilusão de que a Chácara do Céu não existe e não interfere na paisagem”*⁹ enquanto Sérgio Besserman do Instituto Pereira Passos, explicava que o objetivo do livro era o reflorestamento do morro e não a favela. Também um simples reforço de estereótipo pode alterar sensivelmente a percepção de uma paisagem. Recentemente, a já famosa paisagem carioca renovou sua projeção nacional e internacional através de um desenho animado de Carlos Saldanha. *Rio* narra a história de Blu, uma arara azul que chega aos Estados Unidos de modo ilegal e volta ao Brasil para se acasalar. Suas aventuras têm como pano de fundo a paisagem da Cidade Maravilhosa com os tradicionais “cartões postais”: Cristo Redentor, Pão de Açúcar, praias e... favelas que foram integradas ao circuito turístico (na ficção e, na realidade, através de Favelas Tours). Em suma, o filme assumiu claramente sua função de entretenimento sem esconder totalmente os contrastes sociais. A favela está bem ali na tela em 3D. Contudo, ali também não falta a “natureza exuberante” e o “povo alegre”, estereótipos relacionados ao Rio que são exibidos sem pudor e com alta tecnologia. Mais do que distorcer a realidade, a visão estereotipada a cristaliza numa forma pronta para consumo. A paisagem carioca torna-se um clichê: um MacRio. Mais do que avaliar se a manipulação aumentou ou não, o que nos interessa indagar é se o mundo digital aumentou os possíveis de uma cidade no sentido de uma maior participação de seus cidadãos na construção e na significação de sua paisagem.

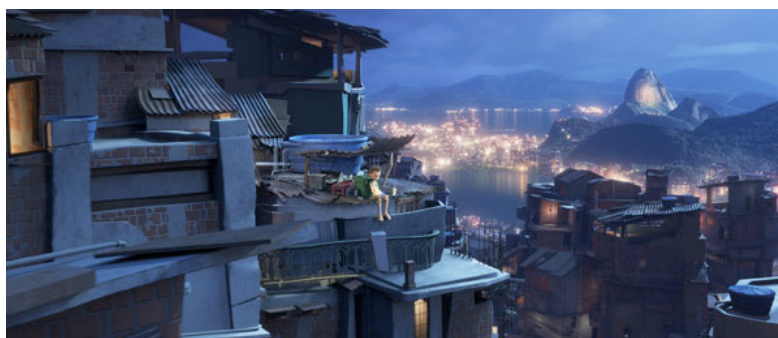


Figura 5

Para além do cepticismo gerado pela percepção de que não podemos mais confiar nos clichês fotográficos como árbitro dos acontecimentos, Ritchin aponta o amadurecimento da fotografia enquanto linguagem artística. De fato, as manipulações digitais criam um problema para a fotografia jornalística mas abre

9 Em “Uma questão de ângulo”. O Globo, editoria “Rio”, 18 de dezembro de 2007, p. 14.

caminhos para a fotografia artística. Ora, se essa discussão foi uma das que mais caracterizou os debates sobre a fotografia no século XX, a digitalização traz outros desafios para as práticas fotográficas no século XXI.

Apontamos anteriormente que, hoje, a relação da fotografia com o espaço e o tempo parece ser preferencialmente de instantaneidade e de aleatoriedade. Nessa reflexão sobre a relação entre natureza e cultura na paisagem carioca e, por sua vez, na relação entre essa paisagem e a sua iconografia (na pintura e, sobretudo, na fotografia), o que a era digital parece abrir é uma era de hibridação via código. Ritchin aponta a forte relação entre a manipulação de imagens e a manipulação de corpos através de uma replicante do filme *Blade Runner* de Ridley Scott. Rachel pensa ser verdadeiramente humana por possuir imagens de sua infância que supõe serem verdadeiras quando, na realidade, seu corpo e sua memória foram tão manipulados quanto as fotografias em suas mãos. O filme anteciparia, segundo Ritchin, a nossa atual situação de corpos geneticamente modificados e de imagens digitalmente manipuladas. Mas Ritchin não se fixa na idéia de uma decadência da autenticidade fotográfica, fruto da dissociação entre um ideal de reprodução sempre fiel e práticas de manipulação cada vez mais difusas. As hibridações abertas pelos códigos parecem abrir outras práticas que supõem uma nova ética na manipulação de uns e de outros: dos BITS das imagens e do DNA dos corpos, sendo que o desejo de intervenção nas imagens dos corpos (nos fenótipos) revelaria o desejo de intervenção nos corpos mesmos (nos genótipos).

Num futuro próximo, os humanos sem manipulações genéticas trariam a etiqueta “produto orgânico” tal como frutas e legumes cultivados sem agrotóxicos? E as paisagens? Propomos transpor dos corpos humanos para a paisagem carioca essa discussão proposta por Fred Ritchin. Percebemos então que a intervenção nos BITS de fotografias digitais pode revelar um desejo de intervenção no DNA da paisagem carioca muito além dos tradicionais projetos urbanísticos.

Sobre DNA da paisagem carioca e BITS da nova cultura fotográfica

Uma matéria jornalística realizada por Rogério Daflon que teve direito a manchete de primeira página (“Rio, cidade bonita, mas só pela natureza”¹⁰) e mais duas inteiras páginas internas (“Cheia de encantos mil. Só os naturais”) como que confirma as características do Rio de Janeiro apontados por Max Bense. Essa natureza que, na fotomontagem de abril de 2009, é perdição por abrigar o caos das

¹⁰ <http://glo.bo/jYKIH5>

construções da favela informal, torna-se salvação na fotomontagem de maio de 2011 por neutralizar a mediocridade da arquitetura da cidade formal. Para além da contradição, o jornal traz como inovação o uso declarado do *Photoshop* pelo editor de arte André Mello sobre fotografias de Márcia Foletto. A matéria apresenta três fotos duplicadas (com retoque e sem retoque) de vistas do asfalto sem a natureza ao fundo: do Leblon com e sem o Morro Dois Irmãos, da avenida Atlântica com e sem o Cristo Redentor, de Copacabana com e sem o Morro do Cantagalo e de Botafogo com e sem a Pedra da Gávea. Os entrevistados criticam a falta de diálogo entre belezas naturais e quadro arquitetônico-urbanístico da cidade, e acenam para a necessidade de se regulamentar a construção e a ocupação da cidade.

A variada argumentação sobre a relação entre natureza e cultura na cidade se encerra com a conclamação a “se unir em defesa da natureza”. Rogério Daflon menciona como conclusão uma experiência de fotografia com filme infravermelho realizada por Renan Cepeda que, ao disfarçar os prédios, desvela a natureza em todo o seu esplendor: “queria dar a idéia, por exemplo, de como Américo Vespúcio viu o Rio de Janeiro pela primeira vez. Não podemos perder de vista essas paisagens.” Ou seja, o repórter juntou nas mesmas páginas um trabalho fotográfico (o de Renan Cepeda) cuja intenção era a de revelar, por meio de uma tecnologia nem tão recente mas com uso contemporâneo, o passado mais remoto do Rio de Janeiro, algo como a paisagem primária, original, pura da cidade – sendo que os cinzas obtidos trazem um clima mais apocalíptico do que paradisíaco – e um trabalho iconográfico (o de Márcia Foletto com André Mello) que acenava, consciente ou inconscientemente, para um possível futuro remoto, isto é, para um momento onde a cidade teria definitivamente apagado a natureza do seu território.

Essas questões não são aprofundadas e, no final da matéria, o problema arquitetônico e urbanístico é reduzido a uma questão de gosto quando por meio de um pequeno editorial – “De olho no mau gosto” – o leitor e internauta é convidado a responder à pergunta “sem as famosas paisagens naturais, o Rio de Janeiro continuaria lindo?” e a eleger os monumentos à feiúra na Cidade Maravilhosa via twitter com o marcador #maugosto.

Diante das questões que o conjunto da matéria jornalística nos suscitou, não podemos deixar de registrar a forte relação entre BITs e DNAs e, sobretudo, o desejo da nova cultura fotográfica de intervir na paisagem carioca enquanto agenciamento natureza e cultura mas sem qualquer compromisso com as idéias de “naturalidade”, “verdade natural” ou mesmo “autenticidade” da paisagem. Com efeito, em *A invenção da Paisagem*, Cauquelin afirma a paisagem como uma construção artificial que foi entrelaçada a uma idéia de “natural” e que, dessa relação, as novas tecnologias da imagem estariam prestes a se libertar:

“No que diz respeito às novas tecnologias, as imagens digitais, ou sintetizadas, oferecem então um espaço para uma realidade segunda, para uma construção afastada de toda preocupação com contigüidade e convivência, e que tem apenas uma relação longínqua com o que acabei de descrever como ‘paisagens contranatureza’. A paisagem, com a imagem digital, não está mais contra natureza, isto é, em acordo contrastado com seu fundo, não se apóia mais na verdade natural que revela ao mesmo tempo em que a oculta, dada contra, em troca de, equivalente a...” (CAUQUELIN, 2007, p. 180)

A virada tecnológica evidencia a artificialidade da constituição da paisagem. A paisagem por meio da fotografia digital pode se tornar pura construção, ou seja, pode se manter longe daquela relação de contigüidade e convivência que a paisagem tradicional por meio da pintura ou da fotografia analógica mantinha com a natureza. Mais adiante, Cauquelin esclarece que essa “segunda natureza” não pode mais ser definida como *“representação em duas dimensões, emoldurada e distante do olho focalizante”*. Com as tecnologias digitais, *“não se trata mais de representar, mas de testar programas de cenografia, atuando sobre as variantes de restrições preestabelecidas.”*

Nos pareceu, por alguns minutos, que Anne Cauquelin estivesse comentando as imagens da matéria jornalística “Cheia de encantos mil. Só os naturais” onde a fotógrafa junto com o editor de arte pareciam efetivamente estar “testando programas de cenografia”. E a cidade do Rio de Janeiro, com sua cenografia singular, parece muito adequada para testes que procuram como que domar tal natureza na medida em que ela é propensa a abrigar elementos que a razão cartesiana de Max Bense percebia como caoticogênicos; mas testes também que manifestam cada vez mais o desejo de intervir não apenas nos BITS das imagens como no DNA da própria natureza. Para Cauquelin, a natureza não mais está hoje sob a espécie de aparências sensíveis a nosso aparelho perceptivo e sim cada vez mais sob a espécie do sistema cognitivo. De certa forma, coincide com nossa hipótese de que a fotografia digital se afasta da pintura e se aproxima do design.



Figura 6



Figura 7

Conclusões

Os megaeventos dos próximos anos se apresentam como um *turning point* para a reflexão sobre a relação singular entre natureza e cultura que constitui a paisagem carioca. E se apresentam como um *turning point* para a reflexão sobre a relação dessa paisagem assim constituída com a sua própria iconografia. Aqui, após considerar rapidamente a relação histórica entre pintura, fotografia analógica e jornal impresso, apresentamos num primeiro momento os discursos contraditórios na mídia contemporânea sobre a maneira como a favela romperia e interromperia a suposta harmonia entre a natureza e cultura da paisagem carioca: por um lado então encontramos demanda de remoção e, por outro, ênfase na urbanização e expansão das fronteiras da cidade. Num segundo momento analisamos as articulações entre fotografia digital e mídia contemporânea: novas articulações sociais tais como promoção de blogs e concursos e, simultaneamente, novas articulações tecnológicas: das manipulações às simulações. Nos perguntamos se, nesse contexto, a fotografia da paisagem carioca que já se afastara da

representação pictórica, estaria hoje se afastando também da foto-registro para se aproximar da intervenção urbanística e do design e nesse sentido tornando-se foto-projeto ou foto-design, estaria promovendo um deslocamento e talvez um esgotamento da questão da “autenticidade” da imagem fotográfica.

Vimos que para Anne Cauquelin, a imagem digital estaria se libertando da profunda relação entre paisagem e a idéia de “verdade natural” que podemos acoplar à noção de “autenticidade” (no caso do Rio de Janeiro, a “verdade natural” seria segundo os artigos examinados, a de uma paisagem sem favelas), sendo que natureza estaria hoje cada vez mais “sob a espécie do sistema cognitivo” mais do que “sob a espécie de aparências sensíveis a nosso aparelho perceptivo”, fato que caracterizaria um “retorno” ou de uma “pós-anterioridade”. Propomos complementar essa abordagem dentro de um eixo histórico (que supõe continuidade e linearidade) com uma abordagem a partir de uma expansão temporal e espacial (que acrescenta aleatoriedade e simultaneidade) retornando a Ritchin. No universo numérico nasceria uma fotografia que não é espelho do autor nem janela do mundo e sim mosaico. Um pixel, um grupo de pixel ou a imagem inteira pode se conectar a outro pixel, grupo de pixel ou imagens inteiras. Ou ainda a textos e sons. Essa hiperfotografia que se articula com um outras mídias interativas interconectadas e em teoria abre a possibilidade de muitos pontos de vista se expressarem sobre ela e a partir dela, promove a ambigüidade potente e a amplificação polifônica, em suma, permite uma abertura dos sentidos da imagem que coloca em cheque a verdade única e a autenticidade originária. É nesse sentido que falamos de uma foto-design da paisagem carioca que, em sua própria hibridação, desloca a própria noção de autenticidade.

Referências.

MARTINS, Carlos (org.) **A Paisagem Carioca** (catálogo da exposição). Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2000.

BAJAC, Quentin. **Après la photographie – de l'argentique à la révolution numérique**. Paris: Découvertes Gallimard, 2010.

BAJAC, Quentin. **La Photographie – du daguerréotype au numérique**. Paris: Gallimard, 2010.

BENSE, Max. **Inteligência brasileira – uma reflexão cartesiana**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

RITCHIN, Fred. **Au-delà de la photographie – Le Nouvel Âge**. Paris: Victoires, 2010.

Matérias de jornais

- **"Remoção"** por Ali Kamel, O Globo, terça-feira 7 de abril de 2009, p. 7.
- <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/04/11/paes-diz-que-remocao-de-favelas-nao-pode-ser-tabu-755234259.asp>
- **"Panorama da Visualidade Dócil"** por Sérgio Bruno Martins, O Globo - Prosa & Verso 6/8 /2011, caderno Prosa & Verso, p. 5.
- **"A lógica da cidade-empresa"** por Carlos Vainer, O Globo - Prosa & Verso 6/8/2011, p. 4.
- **"Novos Olhares para as favelas do Rio"** por Flávia Monteiro, O Globo - Morar Bem 10/10/2010.
- **"O arquiteto das favelas"** por Artur Xexéo, O Globo - Rio, 31/7/2011, p. 21.
- **"Concurso de fotografia revela as favelas do Rio"** por Ediane Merola, O Globo -Rio, 3 de fevereiro de 2011, p. 18: <http://oglobo.globo.com/rio/concurso-de-fotografia-revela-as-favelas-do-rio-2828304>
- **"Concurso de paisagens inéditas: mostre a sua"** na reportagem **"Paisagens cariocas agora sob novos ângulos"** por Laura Antunes, O Globo - Rio, 12/6/2011, p. 20: <http://oglobo.globo.com/rio/paisagens-ineditas-da-cidade-mostre-sua-2874846>
- **"Uma questão de ângulo"**. O Globo - Rio, 18/12/2007, p. 14.
- **"Cheia de recantos mil. Só os naturais."** O Globo - Rio, 1/6/2011, pp. 32-33.